

Cai o número de mortes por doenças cardíacas no Brasil

Marcos Issa

CILENE PEREIRA

SÃO PAULO — Incluídas entre as principais causas de mortes no mundo, as doenças do coração estão matando cada vez menos no Brasil. A boa notícia é a principal conclusão da tese de mestrado do médico Paulo Andrade Lotufo, que será defendida em setembro na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP). Segundo o trabalho, o número de mortes provocadas por doenças cardíacas em São Paulo diminuiu, em média, cerca de 20% nos últimos 20 anos. O pesquisador garante que a tendência já está sendo observada em todo o país.

Médicos de São Paulo confirmam os resultados. Segundo eles, três razões explicam a queda: maior conscientização da população sobre a necessidade de adotar hábitos alimentares e físicos mais saudáveis, surgimento de drogas capazes de evitar que o paciente morra de infarto antes de chegar a um hospital, e aprimoramento das técnicas de diagnóstico e cirúrgicas.

A diminuição mais significativa refere-se a mortes causadas por doenças nas válvulas cardíacas. O total de mortes causadas por tais distúrbios entre homens diminuiu em mais de 5% por ano; entre mulheres, em 4% no mesmo período.

No estudo, o médico do Hospital das Clínicas de São Paulo também analisou a evolução dos índices de mortalidade ligados à hipertensão, a doenças coronarianas (das artérias coronárias), a miocardiopatias (doenças no músculo cardíaco) e também a acidentes cerebrais vasculares (ACV), normalmente causados por problemas circulatórios. Os números mostraram que as mortes por hipertensão entre homens e mulheres caíram mais de 2% por ano. A mortalidade pelas três outras doenças apresentou declínio anual de um por cento.

Para chegar às conclusões, Lotufo se debruçou sobre levantamentos de mortes feitos pela Fundação Seade, um dos principais institutos de pesquisas sócio-econômicas de São Paulo. O trabalho compreendeu o período de 1970 a 1989. Ao todo, o médico analisou cerca de 45 mil óbitos por doenças cardíacas por ano.

Apesar do declínio registrado, a queda dos índices no Brasil ainda é menor que a verificada em países desenvolvidos. Nos EUA, por exemplo, o número de mortes causadas por problemas coronarianos está caindo em cerca de 5% a cada ano.



O médico Lotufo: hipertensão e acidentes cerebrais também matam menos

Editoria de Arte

A redução anual dos índices

Média anual de declínio nos índices de mortalidade por doenças cardiovasculares no período de 1970 a 1989 no Estado de São Paulo

DOENÇAS CORONÁRIAS

Homens: 1,16%
Mulheres: 1,52%

HIPERTENSÃO

Homens: 2,11%
Mulheres: 2,85%

DOENÇAS NAS VÁLVULAS

Homens: 5,85%
Mulheres: 4,58%

MIOCARDIOPATIAS

Homens: 1,70%
Mulheres: 1,97%

Kalunga, um ex-quilombo livre de males do coração

Se os óbitos por doenças cardíacas estão diminuindo no Brasil, há pelo menos um lugar onde a mortalidade por tais distúrbios sempre foi próxima a zero. O local, chamado Kalunga, fica a mais de 30 horas de Goiânia (na fronteira de Goiás com Tocantins). Trata-se de um antigo quilombo, habitado por negros que há até onze anos não tinham qualquer contato com outras populações.

Em 1984, um grupo da Universidade Federal de Goiás visitou a região com o objetivo de avaliar a saúde da população. Dois anos antes, a antropóloga Meire Baiocchi contactara o grupo.

O resultado surpreendeu os cientistas. Apenas 6,5% da população, formada por cerca de 2,5 mil pessoas, tinha pres-

são arterial alta. Normalmente, a prevalência do problema entre negros é de 20 a 25%. Entre brancos, de 15%.

As explicações vieram com a análise dos hábitos da comunidade. Em Kalunga, sal não é adicionado à comida. Caminha-se muito nas serras e não há o estresse provocado pela competitividade.

— Lá também não havia obesos — lembra o cardiologista Paulo Cesar Jardim, que participou do projeto.

No próximo ano, os pesquisadores esperam repetir o trabalho. Jardim, no entanto, acredita que não encontrará os mesmos índices.

— Eles têm contato maior com outras populações e podem ter adquirido hábitos nocivos à saúde.(C.P.)